
Gibiografias: Perfis de Gente Que Fez dos Quadrinhos um Modo de Vida¹

Eduardo Magalhães OLIVEIRA²

José Carlos FERNANDES³

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

“Gibiografias: perfis de gente que fez dos quadrinhos um modo de vida” é um livro-reportagem que detalha o cenário das histórias em quadrinhos de Curitiba por meio de retratos jornalísticos de pessoas que integram nichos diferentes desta comunidade. O livro tem como objetivo destacar a rica trajetória que as HQs tiveram na cidade, pouco abordada em trabalhos do gênero. Para tal, foi realizada uma pesquisa teórica aprofundada sobre o tema, que ajudou na elaboração de um roteiro semiestruturado utilizado em todas as entrevistas com os 12 personagens selecionados para o trabalho. O produto final é uma obra que por meio de seus dez capítulos constrói um panorama completo e diversificado da comunidade de quadrinhos de Curitiba, com um tratamento gráfico do material também se aproveita das estratégias estilísticas dos quadrinhos, para torná-los mais visualmente atraentes.

PALAVRAS-CHAVE: Histórias em Quadrinhos; Leitura; Curitiba; Gibiteca de Curitiba; Mercado editorial;

INTRODUÇÃO

Conhecidos como a nona arte, as histórias em quadrinhos (HQs) são um formato artístico que deixou sua marca na cena cultural brasileira. A popularidade deste tipo de narrativa é tamanha que muitos personagens criados em quadrinhos se tornaram ícones da cultura pop contemporânea e conquistaram um espaço em outros formatos midiáticos, como a *Turma da Mônica*, *Peanuts*, e os super-heróis das editoras *Marvel* e *DC Comics*.

Com raízes nas publicações de imprensa e de humor desde o século XIX, o formato é construído fundamentalmente por meio da interação entre ilustração e imagem, e passou por diversas alterações até chegar à arte sequencial dos dias atuais, desenvolvendo uma série de trejeitos estilísticos particulares que viabilizam a criação de histórias únicas entre os formatos narrativos contemporâneos. No caminho, o gênero

¹ Trabalho apresentado no IJ06 – Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46.º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Bacharel do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: edududu.magalhaes@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: zeca@ufpr.br

também foi desenvolvendo uma comunidade de leitores com hábitos de consumo e formas de interação com o material próprios.

Esta cultura se fortaleceu a tal nível que possibilitou que os quadrinhos nacionais deixassem de lado o estigma de simples entretenimento infantil, sendo hoje reconhecidos como um formato artístico válido e com enormes possibilidades. No entanto, ainda são escassos os trabalhos que realmente exploram esta cultura com a profundidade necessária. Os poucos autores que trabalham o tema como Waldomiro Vergueiro, Paulo Ramos e José Aguiar, geralmente produzem suas obras em função de construir um panorama histórico das HQs brasileiras.

Esse baixo número de trabalhos sobre o tema pode ser atribuído ao preconceito existente contra o gênero no país, já que a associação do formato ao público infantil fez com que o formato fosse alvo de críticas e generalizações por parte de várias camadas da sociedade, incluindo religiosos, políticos e jornalistas. Um dos exemplos mais infames foi a cruzada travada pelo psiquiatra norte-americano Fredric Wertham, que em 1954 publicou o livro *A sedução dos inocentes*, que tratava a nova mídia como algo que manipulava as crianças, incentivando a delinquência juvenil e comportamentos homossexuais. Os argumentos de Wertham conquistaram o público, e o governo norte-americano interveio criando a *Comics Magazine Association of America*, órgão responsável pela criação de um código de conduta a ser seguido pelos autores de HQs. O resultado da experiência foi o *Comics Code*, que estabelecia temáticas que não podiam ser abordadas nas histórias em quadrinhos, alterando drasticamente a produção do gênero na década de 1960 (SANTOS, CRUZ, HORN, 2011).

O mesmo preconceito também foi sentido no Brasil, propagado inicialmente por padres italianos que seguiam as políticas nacionalistas de Mussolini, e queriam evitar a influência norte-americana no país. O ex-presidente Jânio Quadros também era um crítico das HQs, e tentou passar leis que censuram o gênero, incentivando os autores a criarem uma versão brasileira do *Comics Code*, o Código de Ética (NASCIMENTO JR, PIASSI, 2014).

As críticas aos quadrinhos no Brasil não se limitaram apenas aos grupos políticos e religiosos. As discussões sobre o tema também forçaram estigmas indevidos ao formato. Pelo seu caráter popular e massificado, as HQs foram consideradas como uma arte menor, subestimando as suas contribuições culturais em comparação com

outros formatos mais consagrados. Por um bom tempo, a comunidade acadêmica brasileira discutiu os possíveis efeitos nocivos dos quadrinhos na educação dos jovens. A *Revista do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos* (Inep), de 1944 e o livro *A literatura infanto-juvenil*, de Antonio D'Ávil, de 1958, são dois exemplos de trabalhos desse tipo, atribuindo à leitura de quadrinhos a preguiça mental nos jovens, e destacando que as HQs estavam tomando o espaço da leitura de livros infantis (GONÇALO JÚNIOR, 2009; SANTOS, GANZAROLLI, 2011). A perseguição ainda persiste de certas formas nos dias atuais, como no caso da remoção do título *Vingadores, a cruzada das crianças* da Bienal do livro de 2019, pelo então prefeito do Rio de Janeiro Marcelo Crivella, por conta de uma página da história onde dois homens se beijam (REDAÇÃO, 2019).

No entanto, é válido ressaltar que a visão dos quadrinhos nos dias atuais já não é mais negativa, principalmente entre o público mais jovem, que enxerga o campo dos quadrinhos como uma forma de arte válida e até como uma opção de carreira interessante, e como um formato artístico repleto de elementos únicos que valem a pena serem analisados (RAMOS, 2021; AGUIAR, 2022). Além disso, muitos dos preconceitos citados anteriormente perderam espaço na discussão pública, já que os quadrinhos estão inclusive sendo usados como ferramentas educativas, graças em grande parte às mudanças nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN), a partir de 1997, que viabilizaram a inclusão de gêneros discursivos diferenciados no currículo estudantil; e ao *Programa Nacional Biblioteca da Escola* (PNBE), que a partir de 2006 começou a adquirir histórias em quadrinhos para bibliotecas escolares. Esta iniciativa também influenciou quadrinistas a trabalharem com títulos que pudessem ser usados nestes cenários, como adaptações de obras literárias à linguagem dos quadrinhos (VERGUEIRO, 2017; XAVIER, 2017).

É em função dessa trajetória repleta de altos e baixos que o presente trabalho foi desenvolvido em torno desse tema. A proposta do livro *Gibiografias: perfis de gente que fez dos quadrinhos um modo de vida* é ser um recorte da cultura de quadrinhos de Curitiba, construído a partir de perfis de figuras que integram a comunidade. O formato do livro-reportagem foi escolhido justamente para abrigar a grande quantidade de informações que englobam o assunto, uma vez que textos do gênero são naturalmente construídos em torno de discussões aprofundadas sobre o tema abordado.

A escolha da capital paranaense também não foi apenas para proporcionar um recorte fechado. Apesar de estar longe do polo da Região Sudeste, onde estão localizadas as principais editoras do país, a capital paranaense possui uma cena de histórias em quadrinhos muito rica, com artistas reconhecidos nacionalmente, como Cláudio Seto e Flávio Colin. A cidade também se destaca por possuir espaços destinados à promoção e ao fortalecimento da cena local de HQs, como a Gibiteca de Curitiba e a Itiban Comic Shop.

Por isso, para este trabalho foi posta a ideia de construir um livro-reportagem que conseguisse demonstrar a diversidade e a profundidade dos fatores que compõem o universo da HQs em Curitiba a partir de perfis de pessoas que integram eixos diversos nessa comunidade. Além disso, o material foi pensado também com o objetivo de destacar a pouco documentada presença das HQs na capital paranaense em um material interessante para o público, incentivar a produção de trabalhos que estudem o campo das HQs no Brasil e proporcionar uma forma diferenciada de enxergar as discussões sobre HQs, construída em torno da perspectiva do leitor.

AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO BRASIL

Para começar as discussões em torno da fundamentação teórica que pautou o trabalho, será feita uma análise sobre a trajetória e as características do cenário de histórias em quadrinhos. Como definido pelo cartunista norte-americano Will Eisner, as HQs são fundamentalmente uma “arte sequencial”, ou seja, construídas em torno de uma sequência de imagens. As narrativas podem contar com a presença de textos a depender do formato utilizado, mas não é algo obrigatório, já que as imagens fornecidas têm a capacidade de proporcionar para o leitor os recursos necessários para compreender a história retratada, transmitindo ideias como tempo decorrido, emoções e situações implícitas (XAVIER, 2017).

As HQs também são um formato extremamente adaptável e fluido, incorporando elementos únicos dependendo do local e do período onde foram criados. Alguns autores definem as histórias em quadrinhos como um hipergênero, uma forma de linguagem que engloba uma variedade de gêneros literários próprios, incluindo a tira, a *graphic novel*, o mangá e a *webcomic* (XAVIER, 2017). Mesmo com esta heterogeneidade, alguns recursos estilísticos se fazem presentes com frequência em vários destes subgêneros,

como balões para indicar as falas dos personagens, legendas no topo das páginas para contextualizar o cenário onde a história está ocorrendo, onomatopeias para indicar barulhos altos e o uso de gestos exagerados dos personagens para transmitir a ideia de movimento (SANTOS, CRUZ, HORN 2011; XAVIER, 2017).

As primeiras aparições do gênero aconteceram na imprensa do século XIX, como uma consequência direta do desenvolvimento dos veículos de imprensa e das tecnologias de impressão após a Revolução Industrial. Os proprietários de grandes jornais da América e da Europa passaram a utilizar tiras, charges e cartuns ilustrados para atrair um público semialfabetizado para as publicações. Um dos principais exemplos é a disputa entre os empresários rivais Joseph Pulitzer e William Hearst, que resultou na publicação de suplementos dominicais contendo cartuns e tiras. Em 1895, o jornal de Pulitzer, o *New York World* veiculou *Hogan's Alley*, de Richard Felton Outcault. O personagem principal da história, conhecido como Yellow Kid, também caiu aos gostos do público e se tornou uma das primeiras figuras icônicas do gênero, ao ponto de a camisola amarela usada pelo personagem influenciar a criação do termo “jornalismo amarelo”, usado como um sinônimo para o jornalismo sensacionalista. Para competir com a novidade, Hearst logo também incorporou uma história própria para o seu jornal. Criada por Rudolph Dirks em 1897, *The Katzenjammer Kids* foi muito inspirada pelas histórias de Hoffman. O empresário também foi responsável por alguns dos próximos desenvolvimentos do formato, publicando no *Chicago American* a primeira tira cômica diária, formato de histórias em quadrinhos curtas que viria a se tornar carro-chefe de vários suplementos dominicais a partir da primeira década do século XX (SANTOS, 2012, XAVIER, 2017).

A origem dos quadrinhos no Brasil também tem suas origens na imprensa, remetendo às revistas ilustradas publicadas a partir do século XIX. Ilustrações já eram usadas nos veículos de imprensa desde o período entre a monarquia de d. Pedro II e a Proclamação da República. Enquanto as técnicas necessárias para integrar fotografias às reportagens ainda não eram acessíveis para todos os veículos, as ilustrações desenhadas à mão eram um recurso utilizado para facilitar a leitura do material e fornecer uma visão alternativa da realidade brasileira para a sociedade da época, que possuía uma quantidade significativa de analfabetos (BARBOSA, 2007; SILVEIRA, 2009).

Com o tempo, as imagens também se tornaram o foco de publicações próprias, as revistas ilustradas. Popularizadas pela publicação *A Semana Ilustrada*, do alemão Henrique Fleiuss, de 1860, as revistas não possuíam reportagens, preferindo dar uma página dupla aos ilustradores para recapitular os fatos da semana (WERNECK, 2000). Destacando-se na produção artística e seguindo o modelo de charges da época, a revista de Fleiuss incentivou a criação de várias outras publicações similares, mas com uma grande diferença: o uso das ilustrações para a crítica política (SILVEIRA, 2009; NEY, 2014).

No entanto, a publicação do período que mais conseguiu se sobressair tanto em termos de duração quanto na qualidade artística, foi *A Revista Ilustrada*, que circulou entre 1876 e 1898 pelas mãos do cartunista italiano Angelo Agostini. Ele trabalhava em publicações deste tipo desde 1864, com ilustrações que se destacavam tanto pela qualidade técnica quanto pelas críticas incisivas (SILVEIRA, 2009). O cartunista também era conhecido pelas experimentações que fazia em seus trabalhos, incluindo “brincadeiras” com os formatos textuais da época. Após explorar as possibilidades de contar uma narrativa de forma sequencial ao “quadrinizar” algumas de suas charges, o cartunista criou algumas das primeiras histórias em quadrinhos brasileiras, com seus personagens Nhô-Quim e Zé Caipora (TEIXEIRA, 2014).

FIGURA 1: QUADRINHO DO PERSONAGEM NHÔ-QUIM



Fonte: Angelo Agostini. In: Agostini: obra paixão e arte do italiano que desenhou o Brasil, 1843-1910 (2014).

Apesar de ainda serem histórias com uma quantidade de textos superior aos quadrinhos contemporâneos, uma consequência das dificuldades de interpretação da sociedade brasileira da época, estas primeiras narrativas foram vitais para o desenvolvimento do formato das histórias em quadrinhos em décadas posteriores (TEIXEIRA, 2014). E Agostini também foi responsável por outro grande desenvolvimento na cena de quadrinhos nacional, quando publicou sua primeira história

em quadrinhos destinada ao público infantil, “Por causa de um cachorro”, enquanto trabalhava na revista *O Malho*. O sucesso da inovação foi percebido pelos donos da publicação, que aproveitaram a oportunidade para criar a primeira revista em quadrinhos infantil do Brasil, a *Tico-Tico*, em 1905 (MARINGONI, 2011). Criando personagens icônicos e destacando o trabalho de vários artistas brasileiros (inclusive contando com Agostini nos primeiros anos para os desenhos dos logotipos de cada edição), a revista foi um marco na história da ilustração brasileira (WERNECK, 2000; MARINGONI, 2011).

FIGURA 2: PRIMEIRO QUADRINHO INFANTIL VEICULADO EM UMA REVISTA ILUSTRADA

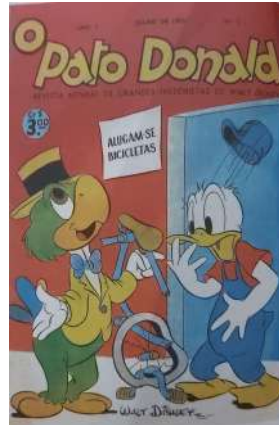


Fonte: Angelo Agostini. In: Angelo Agostini: A imprensa ilustrada da Corte à Capital Federal, 1864-1910 (2011)

Nas décadas seguintes, o formato se desenvolveu por meio de uma disputa entre três empresários, que começaram a importar títulos estrangeiros para o país: Adolfo Aizen, com o *Suplemento Juvenil* da Editora Brasil-América Ltda. (Ebal), Roberto Marinho, com a *Gibi* da Editora Globo/Rio Gráfica Editora (RGE), e Assis Chateaubriand com a *Guri* da editora Cruzeiro (WERNECK, 2000; LOPES, 2010; VERGUEIRO, 2017).

No entanto, a editora mais longeva certamente é a Abril, chefiada por Victor Civita, que começou a trabalhar com HQs em 1950, iniciando com histórias do personagem da Disney *O Pato Donald*. O título logo caiu nos gostos do público, resultando na criação de mais revistas da linha, como *Zé Carioca*, *Mickey Mouse* e *Tio Patinhas*, que se tornaram os carros-chefe da editora por mais de 60 anos, até o fim da publicação dos títulos no país em 2018 (WERNECK, 2000; VERGUEIRO, 2017).

FIGURA 3: CAPA DA PRIMEIRA EDIÇÃO DO PATO DONALD PUBLICADO PELA ABRIL



Fonte: Luis Destuet. In: O Império dos Gibis: a Incrível História dos Quadrinhos da Editora Abril (2020)

Com o tempo, as publicações também passaram a incluir produções 100% nacionais, e alguns dos grandes nomes do gênero começaram a surgir. O destaque vai para as narrativas de terror, impulsionadas pela editora La Selva, em 1949, e pelas narrativas infantis, com destaque para o *Pererê*, de Ziraldo e *Turma da Mônica*, de Maurício de Sousa, ambas na década de 1960 (SANTOS, CRUZ, HORN, 2011; VERGUEIRO, 2017).

Em termos de quadrinhos adultos, Carlos Zéfiro começou a produção de seus quadrinhos eróticos, os “catecismos” de iniciação sexual, na década de 1950, publicados em pequenos livros de fácil distribuição para evitar os olhos do forte conservadorismo presente no período. Posteriormente, durante a ditadura civil-militar, os quadrinhos de humor passaram a ser utilizados justamente para lutar contra essa repressão, como no satírico *O Pasquim*. Artistas que passaram pelo periódico chegaram a superar o status de “independente” e conseguiram certa notoriedade no mercado tradicional, a exemplo de Henfil, que conquistou o público com seus personagens Graúna Zeferino e os Fradins. Também atuando no campo do humor, a versão brasileira da revista *Mad* trouxe vários artistas nacionais pelos 43 anos em que circulou, como Jaguar e Cláudio Paiva (NASCIMENTO JR, PIASSI, 2014; VERGUEIRO, 2017).

Estas obras de humor acabaram servindo de inspiração para vários novos autores após a reabertura política. Na segunda metade da década de 1980, Toninho Mendes criou a Editora Circo, que publicou uma série de títulos inovadores populares entre os jovens da capital paulista. Os principais são *Chiclete com Banana* e *Piratas do Tietê*, produzidos por Angeli e Laerte respectivamente; e Circo, que trazia HQs estrangeiras.

Os artistas não hesitaram em incorporar elementos da cultura de contestação e do cenário paulista da época em seus personagens, dando às histórias um estilo único (LOPES, 2010; VERGUEIRO, 2017).

No cenário contemporâneo, as HQs nacionais se encontram em um período turbulento. Fatores como a decaída dos meios impressos, a introdução de novos formatos e tecnologias, a competição com outros veículos midiáticos, os entraves políticos na produção cultural no país e o fechamento de editoras especializadas no meio tiveram um impacto imenso na produção de quadrinhos no Brasil. Ao mesmo tempo, os novos fãs também possuem novos métodos para descobrir os quadrinhos, como espaços destinados à cultura de quadrinhos, como as gibitecas e as *comic-shops*, e por meio da internet, que facilita a difusão de artistas grandes e pequenos ao público (AGUIAR, 2022).

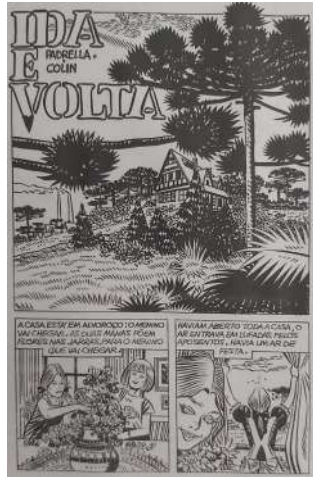
O CENÁRIO DE CURITIBA

Assim como no resto do país, as narrativas ilustradas da cidade têm suas raízes em desenhos de humor. É no Paraná que foi registrada uma das primeiras caricaturas do país, atribuídas a João Pedro “O Mulato”, de 1807 e 1819 (AGUIAR, 2019). Acompanhando os desenvolvimentos tecnológicos do século XIX, também começam a surgir as primeiras revistas ilustradas da cidade. Assim como no resto do país, muitas eram publicações nanicas e efêmeras, mas ainda tiveram seu impacto. É na primeira delas, a *Revista do Paraná*, de 1887, que surge o primeiro artista ilustrado da cidade, Narciso Figueras, que depois viria a criar a primeira HQ curitibana em sua revista própria, *A gaveta do diabo*, de 1888 (AGUIAR, 2019).

É também impossível discutir as contribuições curitibanas aos quadrinhos sem destacar o principal experimento da área da cidade: a editora Grafipar, que trabalhou com a publicação de quadrinhos entre 1978 e 1983. Explorando o erotismo e com o foco na criação de títulos nacionais de gêneros variados como terror, faroeste e ficção científica, a editora coordenada por Said Al-Khatib e com projetos organizados por Cláudio Seto conseguiu bater de frente com títulos de peso, e atraiu uma grande quantidade de artistas para a cena curitibana, como Mozart Couto, Flávio Colin, Júlio Shimamoto, Franco de Rosa, Gustavo Machado, Verônica Toledo e Alice Ruiz (VERGUEIRO, 2017; AGUIAR, 2019). A Grafipar acabou fechando as portas em

pouco tempo, principalmente devido à maior quantidade de títulos adultos disponíveis no mercado após o fim da censura. Mas o impacto que a experiência teve para a cena local foi imenso (VERGUEIRO, 2017; AGUIAR, 2019).

FIGURA 5: PÁGINA DA HQ IDA E VOLTA, PUBLICADA PELA GRAFIPAR



Fonte: Flávio Colin. In: Narrativas Gráficas Curitibanas (2019).

Após o fechamento da editora, muitos artistas permaneceram na cidade, ajudando a desenvolver as HQs curitibanas, principalmente na consolidação do que viria a ser um dos pontos focais da cena na cidade, a Gibiteca de Curitiba. Impulsionada pela presença renovada de quadrinhos nos jornais, pela experiência da Grafipar, e por experiências independentes que discutiam o formato dos quadrinhos como um todo na cidade, como a Casa da Tolerância, de Edson José Cortiano, a Gibiteca foi criada em 1982. Um de seus articuladores foi o arquiteto e também cartunista Key Imaguire Jr., que a projetou como um espaço pioneiro no país na valorização das HQs como formato artístico, atuando não apenas como um espaço de armazenamento de quadrinhos para pesquisas, mas também oferecendo cursos e oficinas, exposições, e até eventos de outros campos da cultura pop (VERGUEIRO, 2017; AGUIAR, 2019). Juntamente com a Itiban, *comic shop*, inaugurada em 1989, e eventos como a Gibicon e a Bienal de Quadrinhos de Curitiba, a Gibiteca é uma das principais razões para o amadurecimento das histórias em quadrinhos na cidade (VERGUEIRO, 2017. AGUIAR, 2019).

A Gibiteca também é um espaço que contribui para o desenvolvimento de novos quadrinistas curitibanos. Sejam eles autores individuais, como Marcelo Martins e Marco Jacobsen, ou integrantes de coletivos como o Boca Maldita Comics e o Núcleo de

Quadrinhos de Curitiba, como José Aguiar, o espaço foi fundamental para transformar jovens fãs em autores. É interessante também ressaltar que foi na Gibiteca que surgiu um dos personagens mais conhecidos da cidade, o super-herói Galha. Criado por uma coletiva de 24 autores e organizado pela então coordenadora do espaço Márcia Squiba, ele foi publicado na revista Metal pesado edição comemorativa — 15 anos da Gibiteca de Curitiba em 1997 (AGUIAR, 2019; AGUIAR, 2022).

FIGURA 6: CAPA DA REVISTA ONDE O PERSONAGEM GALHA FEZ SUA ESTREIA



Fonte: Revista Metal Pesado. In: Narrativas Gráficas Curitibanas (2019).

METODOLOGIA

Neste subcapítulo, irei destacar os processos metodológicos que pautaram a execução deste trabalho, indo do planejamento até a produção do livro propriamente dito.

A primeira etapa do processo foi um momento de pesquisa e revisão de literatura sobre os temas principais do meu livro, as histórias em quadrinhos e a leitura no Brasil, para que eu tivesse uma fundamentação teórica e um contexto histórico que facilitariam a preparação do roteiro das entrevistas e do texto como um todo. Durante três meses, foram consultados livros, pesquisas e artigos sobre os temas, e as informações foram registradas em um documento de texto.

Também durante este período foram dados os primeiros passos para a elaboração do livro. A proposta do material é a exploração da cultura de quadrinhos de Curitiba a partir de entrevistas em profundidade com personagens do meio. Para cumprir este propósito, o formato de livro-reportagem foi selecionado pela naturalidade que proporciona para explorar mais à fundo os temas retratados (BELO, 2017). Já o perfil

também foi selecionado, dada a sua utilização em retratar “histórias de vida”, construídas em torno de biografias de curta duração dos perfilados, alinhados às percepções do autor durante a entrevista e as suas perspectivas sobre o personagem e o tema retratados (BOAS, 2003).

Com base nestas pesquisas, foi decidido utilizar os perfis para juntar as histórias pessoais dos perfilados com a descrição de aspectos da comunidade de quadrinhos de Curitiba. Por isso, ao elencar possíveis fontes que pudessem participar das entrevistas, foram priorizadas aquelas que tivessem propriedade para discutir o tema tanto na dimensão de leitor de histórias em quadrinhos, quanto na atuação na cena, seja como responsáveis por pontos focais da cultura de HQs na cidade, como autores de histórias em quadrinhos ou como comerciantes do formato.

Para poder ter uma experiência preliminar com as conversas, foi realizada uma entrevista-piloto em março, com o cartunista José Aguiar. A entrevista ocorreu na forma de uma conversa semiestruturada, seguindo um roteiro constituído por alguns tópicos centrais e com sugestões de possíveis desdobramentos. Este primeiro experimento foi fundamental para a preparação do roteiro que seria utilizado para as entrevistas que integraram a reportagem.

Após construir o roteiro, foi iniciada a fase de entrevistas com os personagens. Os 12 escolhidos foram os seguintes: Fulvio Pacheco, atual coordenador da Gibiteca de Curitiba; Faruk El-Khatib, editor que na década de 1970 teve um grande impacto na cena de quadrinhos nacional quando esteve no comando da editora Grafipar, que logrou grande êxito na publicação de quadrinhos adultos produzidos por profissionais de todo o país; o arquiteto Key Imaguire Jr., leitor e colecionador de HQs que teve um papel instrumental na criação da Gibiteca de Curitiba; os quadrinistas José Aguiar, Pryscila Vieira e Raphaela Corsi, que trabalham com as HQs sob diferentes perspectivas e em janelas de tempo diferentes; Mitie Taketani, co-proprietária da Itiban Comic Shop; as fonoaudiólogas Jô Bibas e Angela Duarte, e o professor da Universidade Estadual de Ponta Grossa Idomar Cerutti, que trabalham com projetos de disponibilização gratuita de livros e quadrinhos como uma forma de promoção à leitura; e o jornalista Abonico Smith e o psicólogo Claudio Rubin, que na década de 1990 escreveram sobre o gênero em uma coluna semanal no jornal *Gazeta do Povo*.

Depois de realizadas as entrevistas, o material degravado foi usado de base para a construção dos dez capítulos que compõem o trabalho final. Além de destacar as contribuições profissionais dos personagens, o livro também possui espaços em cada capítulo para destacar aspectos dos entrevistados como leitores de HQs, para deixar os depoimentos mais completos. Este tratamento se manifesta principalmente por meio de dois boxes presentes em todos os capítulos. Em “Ficha Técnica”, são mostrados os gêneros favoritos do perfilado, assim como os seus três quadrinhos favoritos. Já em “Quando sobra um tempinho...”, são apresentadas três curiosidades da conexão pessoal do personagem com os quadrinhos, focando em aspectos como primeiras leituras, coleções pessoais, e práticas de leitura diária. Em conjunto com o texto principal, estes boxes externos servem para construir um panorama mais completo dos perfilados, trazendo para as discussões do gênero a perspectiva do leitor, algo pouco presente em outras obras que discutem o formato.

Por fim, o livro foi diagramado, e os textos foram complementados com fotografias, trechos de quadrinhos e ilustrações produzidas especialmente para o trabalho, tudo usando como base os trejeitos estilísticos dos quadrinhos. A capa, os títulos dos capítulos, e os boxes são os principais exemplos destas práticas, utilizando elementos das páginas de HQs, como fontes textuais coloridas e chamativas, baseadas nas onomatopeias muito utilizadas em narrativas do formato.

FIGURAS 6, 7 E 8: CAPA E TRECHOS DE GIBIOGRAFIAS



Fonte: Eduardo Magalhães, Catherine Grein e Alisson Luiz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, foram destacados a longa e rica trajetória das HQs no Brasil e em Curitiba, assim como algumas análises em torno da leitura de quadrinhos contemporânea. Estas pesquisas garantiram uma necessária preparação do roteiro a ser aplicado com os entrevistados do trabalho, e fundamentaram a produção de um livro-reportagem que tratou o tema com a valorização que lhe é devida.

O produto final foi construído para celebrar os quadrinhos de diversas formas. Os perfilados retratados no livro atuam como uma base amostral rica da cena local de quadrinhos que podem discutir o tema com propriedade, sendo representantes de diversas áreas que trabalham com o gênero da cidade e também consumidores e apreciadores de longa data do formato midiático. Além disso, o próprio tratamento gráfico do livro também bebe das tendências visuais do formato, utilizando imagens e outros recursos visuais para adornar as páginas do trabalho.

Espera-se que o material final possa ser algo de valor para a comunidade de quadrinhos não apenas de Curitiba, mas também para as comunidades de quadrinhos de outras regiões do Brasil e até para as pessoas que não leem quadrinhos, por meio da divulgação de informações pouco conhecidas por estes públicos em um pacote atraente e de leitura agradável. O cenário das HQs no Brasil se encontra em um período volátil, e qualquer produto que possa divulgar os pontos positivos deste formato é algo que pode beneficiar o fortalecimento do gênero no país.

Gibiografias também possui um grande potencial de expansão, já que o trabalho final trata de apenas um pequeno recorte de uma comunidade que reúne milhares de pessoas, e existe a possibilidade de ampliar o trabalho com edições futuras que incluam mais personagens que não foram incluídos na primeira versão.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, José. **Entrevista concedida a Eduardo Magalhães Oliveira**. Curitiba, 2022.
- AGUIAR, José. **Narrativas gráficas curitibanas**. Curitiba: Secretaria da Comunicação Social e da Cultura: Biblioteca Pública do Paraná, 2019.
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BOAS, Sergio Vilas. **Perfis: e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

FERREIRA JÚNIOR, Carlos Antonio Rogé. **Práticas políticas: discursos e contradiscursos, o Novo Jornalismo, o Romance-reportagem e os Livros-Reportagem**. São Paulo: Edusp, 2003.

GONÇALO JÚNIOR. **Quem disse que os quadrinhos são inimigos dos livros?**. Revista Pesquisa Fapesp, São Paulo: Edição 161, Julho de 2009. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/quem-disse-que-os-quadrinhos-sao-inimigos-dos-livros>>. Acesso em 30/4/2022.

LOPES, Daniel de Morais Gil. **Constituição e dinâmica recente do mercado de histórias em quadrinho no Brasil**. Unesp, Araraquara, 2010

MARINGONI, Gilberto. **Angelo Agostini: a imprensa ilustrada da Corte à Capital Federal, 1864-1910**. São Paulo: Devir, 2011.

NEY, Laura. As apoquentações do Dr. Semana: aproximações e diferenças entre Henrique Fleiuss e Angelo Agostini. In: **Agostini: obra paixão e arte do italiano que desenhou o Brasil (1843-1910)**. Organização Isabel Lustosa. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2014.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. 2. ed. 2a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

REDAÇÃO. **“Vingadores: a Cruzada das Crianças”**: conheça a HQ que Crivella tentou proibir na Bienal. Revista Galileu, 2019. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/09/vingadores-cruzada-das-criancas-con-heca-hq-que-crivella-tentou-proibir-na-bienal.html>>. Acesso em 3/9/2022.

SANTOS, Iury Ribeiro. CRUZ, Tiago André. HORN, Milton Luiz Vieira. **Uma breve história das histórias em quadrinhos**. Revista Educação Gráfica, São Paulo V.15 – N0. 03, 2011

SANTOS, Roberto Elísio. Riso cotidiano: as estratégias de humor nas tiras cômicas norte-americanas. In: SANTOS, Roberto Elísio; ROSSETTI, Regina. **Humor e riso na cultura midiática: variações e permanências**; São Paulo: Paulinas, 2012;

SILVEIRA, Mauro César. **A batalha de papel: a charge como arma na guerra contra o Paraguai**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodrê. Agostini e as histórias em quadrinhos. In: LUSTOSA, I. (org.). **Agostini: obra paixão e arte do italiano que desenhou o Brasil (1843-1910)**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2014.

VERGUEIRO, Waldomiro. **A atualidade das histórias em quadrinhos no Brasil: a busca de um novo público**. História, Imagem e Narrativas, N. 5 ano 3, setembro de 2007.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Panorama das histórias em quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Peirópolis, 2017.

WERNECK, Humberto. **A Revista no Brasil**. São Paulo: Editora Abril, 2000.

XAVIER, Glacy Kelli Reis. **Histórias em quadrinhos: panorama histórico, características e verbo-visualidade**. Revista Darandina, Juiz de Fora, Vol. 10, N.2., 2017.